

# MST e Agroecologia: Discutindo propostas de mudança

**César Machado Vieira**

Graduando em Ciências Sociais/UnB

**Palavras-chave:** Ambientalismo; Agroecologia; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

**Key Words:** Environmentalism, agroecology, Agrarian Reform Movement (MST).

**RESUMO:** O trabalho apresenta o processo histórico de apropriação da categoria de agroecologia através do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Levando posteriormente a uma discussão sobre as propostas de mudança sociais, e contradições, que essa união de perspectivas pode conter.

**ABSTRACT:** The essay focus on the incorporation of environmental issues in the political program of the MST, stressing the potential contradictions that may derive from such political option.

## Introdução

Esse trabalho tem o objetivo de problematizar sobre como foi apropriado o uso do conceito de agroecologia pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

De forma que para melhor compreender esse problema, o trabalho se dividirá em: apresentar um breve histórico do MST, e suas principais linhas de atuação; apresentar a categoria de agroecologia e sua apropriação pelo Movimento; e finalmente, realizar uma discussão teórica da relação entre agroecologia e MST.

A importância desse trabalho se justifica pelo fato de o movimento ambientalista ter ganhado uma grande importância a partir de 1960, pelo seu caráter englobador de identidades. E o MST de certa forma também atua nesse sentido, mas com um enfoque em excluídos socialmente, tendo a relevância de ser um dos mais importantes e bem organizados movimentos sociais brasileiros, que lutam por equidade social-econômica-política no campo (da cidade também, ao se afirmar a oposição da cidade e campo como algo que se torna interdependente nesse caso).

Estabelecida a importância de ambas as partes, vale enfatizar agora quanto ao problema que é proposto. A categoria de agroecologia da forma que é defendida pelo MST, e por outros movimentos e adeptos do conceito, entra em choque diretamente com um importante setor da economia brasileira, a agroindústria de grande escala. Pois propõe uma agricultura que seja menos danosa ao meio ambiente, respondendo às condições materiais do agricultor, desprezando assim o consumo de insumos agrícolas. De forma que a discussão do MST passa então, não apenas para a questão de distribuição de terras, mas também quanto ao seu melhor uso, e para quem é mais viável esse melhor uso (no caso o pequeno agricultor assentado e acampado).

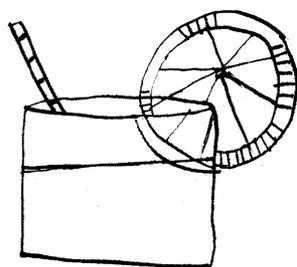
## 1. O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)

### 1.1. Breve Histórico sobre o MST

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é fruto de uma questão agrária contínua na história brasileira, a exploração e exclusão social no campo. Podendo se resgatar esse fenômeno desde os tempos das Capitânicas Hereditárias, passando pela Lei de Terras de 1850 (o título a partir da compra), e em tempos mais recentes, talvez pela "Revolução Verde". (CALDART, 2001).

O MST surgiu da reunião de vários movimentos populares de luta pela terra, os quais promoveram ocupações de terra nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, na primeira metade da década de 80. Delimitando o período de sua formação, entre os anos de 1979 a 1984, com marco formal no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, realizado entre 21 e 24 de janeiro do ano de 1984, em Cascavel, estado do Paraná. (CALDART, *Ibid.*).

Sobre suas linhas de pensamento, poderíamos apontar que na origem, o Movimento esteve associado a CPT (Comissão Pastoral da Terra), tendo uma forte influência da Teologia da Libertação. Já em meados dos anos 80, começou a ter participação da CUT e do PT no Movimento, assumindo



CAIPIRINHA  
CACHAÇA

R\$ 3,50  
R\$ 1,00

então um viés socialista-cristão. E nos anos 90, o MST começa a ter uma preocupação maior com a linha de produção dos assentamentos voltada para uma economia de mercado, e não somente para economia de subsistência. (GOHN, 2004).

## 1.2. Proposta de mudança a partir do Movimento

Segundo a análise de Caldart (2001), a linha de atuação pode ser dividida nos seguintes pontos:

- A radicalidade do seu jeito de fazer a luta e os sujeitos que ela envolve. A força simbólica e política que a ocupação possui, através de um grande número de Sem Terras organizados;

- A multiplicidade de dimensões em que atua. Apesar do Movimento ter a luta pela terra em seu eixo central e característico, possui também outras questões importantes como: produção, educação, saúde, cultura, educação, direitos humanos, agroecologia, racismo, igualdade de gênero, juventude,....;

- A combinação de formatos organizativos diversos. Possui uma estrutura de organicidade, e um sistema hierárquico rígido. Mas também procura respeitar algumas características organizacionais locais. Esse tipo de organização é denominado pelo próprio Movimento, de uma organização social de massas.

- A capacidade que vem construindo de se universalizar. Discutindo a exclusão do campo não apenas nesse espaço, já que é um problema visível nos meios urbanos, através dos inchaços das cidades.

É importante que o discurso do MST apresenta uma proposta de reforma agrária efetiva, apenas fora do modelo político-econômico neoliberal.

"Tomando partido contra as privatizações, solidariza-se de forma atuante com a luta de outras categorias de trabalhadores, assume candidaturas aproximadas com seu projeto, realiza ações combinadas com outras entidades e juntamente com outras organizações desencadeia a discussão e formação de um novo modelo de desenvolvimento nacional. Este deve ter como base à distribuição da terra e da riqueza, a recuperação da soberania nacional, o controle sobre os bancos e o capital financeiro e a reorganização da produção industrial e agrícola. O Estado deve estar colocado a serviço da população, efetivando-se a democracia popular. A comunicação, a educação, a saúde e a cultura devem ser humanizadas, atualizadas e democratizadas". (DALMAGRO, 2003, *apud.* Consulta Popular, Cartilha n. 11, 2001, *apud.* CALDART).

## 2. Agroecologia

### 2.1. A categoria de Agroecologia

O conceito de agroecologia é utilizado pela primeira vez na década de 1930, com a finalidade de aproximar a ecologia da agricultura. Até então, o campo de conhecimento científico disciplinar ecológico encontrava-se separado da ciência agrônômica. Somente nos anos 50, com o amadurecimento do conceito de ecossistema, com

uma idéia mais ampla de ecologia, foi-se criada uma estrutura básica geral para o exame da agricultura com base em uma perspectiva ecológica. (GLIESSMAN, 2000, 51-52 *apud.* CANAVESE & NETO.).

O interesse da aplicação da ecologia à agricultura expandiu-se nas décadas de 60 e 70, devido à intensificação da pesquisa ecológica de populações e comunidades, a influência crescente de abordagens em nível de sistemas, e a ampliação da chamada "consciência ambiental", como também o crescimento do movimento ambientalista em âmbito mundial.

A agroecologia se constituiu de um campo técnico científico bastante peculiar, pois surge a partir de duas bases: a do reconhecimento da significação dos saberes tradicionais da agricultura, praticada com base em influências sócio-culturais, e a do saber científico agrônômico e ecológico.

"Assim entendida, a Agroecologia proporciona as bases científicas para apoiar o processo de transição de estilos de Agricultura sustentável nas suas diversas manifestações e/ou denominações: Ecológica, Orgânica, Biodinâmica, Agroecológica, Regenerativa, Baixos Insumos Externos, Biológicas, entre outras. Sob esta ótica, não podemos confundir a Agroecologia – enquanto disciplina científica ou ciência – com uma prática ou tecnologia agrícola, um sistema de produção ou um estilo de agricultura (ALTIERRI, 1995 *apud.* CANAVESE & NETO)."

A agroecologia a partir de uma perspectiva material então, torna-se uma "tecnologia alternativa" sempre como negação às tecnologias modernas que não estão acessíveis, ou não correspondem às expectativas dos agricultores, assumindo o papel de "um modelo alternativo de desenvolvimento para agricultura familiar".

Pode-se então compreender porque, corroborando com o encontrado por Almeida (1999, *apud.* CANAVESE & NETO), em determinados momentos a agroecologia aparece como aspiração a um novo modelo de desenvolvimento; noutros como construção de soluções técnico-científicas para mitigar a situação de precariedade vivida pelos agricultores; como resgate de práticas e valores culturais desses agricultores; como uma área de conhecimento, ou mesmo, como uma alternativa de (re)inclusão econômica e social através da ocupação de um nicho de mercado emergente, onde os produtos ecológicos passam a ter um valor (monetário) superior aos produtos convencionais.

Além de uma forma de resgate do saber tradicional, a agroecologia também se manifesta a favor do camponês como uma forma de autonomia no processo de produção. Essa autonomia abrangeria três dimensões: a) o domínio da sua estrutura de produção, incluindo aqui os conhecimentos necessários à produção; b) conhecer o espaço em que está inserido, permitindo a partir destas informações definir sobre o processo produtivo; c) e restituir ao agricultor o domínio do tempo.

A agroecologia torna-se, assim, um instrumento de luta política que ao mesmo tempo busca

construir experiências produtivas alternativas ao modelo dominante imposto. Com a preocupação de assumir uma alternativa a uma determinada condição de marginalidade vivenciada específica, podendo-se explicar porque ela aparece de forma tão diversa conforme o ator e o contexto em que está inserida. (VERAS, 2005).

## 2.2. Apropriação da Categoria de Agroecologia e seus Fundamentos pelo MST

Ao começar a discussão de como o MST começou a usar o conceito, e os fundamentos da agroecologia, seria interessante traçar um histórico sobre sua "orientação de produção".

Até meados de 1986, o MST é fortemente influenciado pela presença de mediadores religiosos, principalmente pela Comissão Pastoral da Terra. Essa presença da Igreja é forte tanto no âmbito da produção e estruturação dos assentamentos, quanto nos discursos e materiais produzidos pelo Movimento, podendo se observar nas cartilhas da época a valorização do conhecimento e as práticas do agricultor. (VERAS, 2005).

"Juntamente com a introdução dessas 'novas técnicas modernas' foi realizada uma campanha de desmoralização dos conhecimentos do agricultor e daquelas práticas que ele vinha utilizando tradicionalmente. E forçando a utilização de adubos químicos, inseticidas, venenos e maquinaria em geral como um único modelo certo na agricultura". (MST, 1986, p. 26. Caderno de Formação Agrícola n. 10 *apud*. VERAS, 2005).

Entretanto, logo no início do movimento observava-se um crescente número de assentamentos, atrelados às dificuldades em responder às "questões de produção" dos agricultores. Ocorrendo uma falta de estrutura básica para o assentado (alimentação, condições de plantio, escola, rede elétrica, entre outros), trazendo a expectativa dos assentados e pelas lideranças do Movimento que a solução viria com a modernização. Reproduzindo então o modelo agroindustrial dominante. (VERAS, 2005.).

Sobre esse modelo agroindustrial criticado, seria interessante abrir-se um parêntese para melhor entendimento deste. Esse modelo faz parte de um processo histórico chamado de "Revolução Verde", ocorrendo a partir das décadas de 60 e 70, com as seguintes características: a visão da agricultura como um negócio que deve ser lucrativo; política de crédito principalmente para financiamento de maquinário, implementos e insumos, produzidos principalmente por empresas multinacionais; incentivo à monocultura; assistência técnica com a finalidade de vender o pacote tecnológico da Revolução Verde, desprezando os conhecimentos e a biodiversidade acumulada com seu trabalho de gerações o agricultor tradicional (sementes e animais). (CORREA, CORTEZ & MOREIRA.).

Voltando ao MST, no final da década de 80 a coordenação do Movimento se aproxima de um ideal marxista-leninista, fortalecendo o discurso em favor da implantação de cooperativas inteiramente coletivizadas, como forma de viabilizar

economicamente o crescente número de assentamentos. Em certa medida, essa mudança estratégica possibilitou maior eficácia na conquista de melhores posições nos mercados, e na luta por incentivos à produção, mas por outro lado, o Movimento tomou uma posição muito próxima ao regime de economia de mercado (STRA-PAZZON, 1996 *apud* VERAS, 2005). Passando então, como dito anteriormente, a priorizar um modelo agrícola apoiado no uso de tecnologias e insumos modernos, cuja expectativa era competir nos mercados através da criação de empresas agrícolas coletivas. (VERAS, 2005.).

As tecnologias então, não eram vistas como um problema em si. O problema central residia na apropriação desigual dos benefícios gerados, e no crescente monopólio dos meios de produção (terra e capital). A utilização de um arranjo tecnológico na agricultura em bases "modernas", aumentando a produção e a produtividade dentro dos assentamentos, se justificava uma vez que as cooperativas garantiriam o acesso aos meios de produção, e promoveriam a divisão integral dos resultados obtidos.

A tentativa de inserção no modelo de agricultura moderna, sem considerar os aspectos ambientais e os diferentes traços culturais entre agricultores assentados, mostrou erros estratégicos responsáveis por inúmeros fracassos dentro dos assentamentos do Movimento. Pois com a utilização dos pressupostos da agricultura moderna, foi imposto ao agricultor a tarefa de vender sua produção ao mercado fazendo com que ele tivesse que comprar parte de sua alimentação, e seus equipamentos para produzir, diminuindo assim a autonomia desse; nem sempre tendo o balanço do final de safra como compensatório.

Na década de 90 começou então a ampliação da rede de contatos do Movimento, passando a integrar a coordenação de vários eventos, em conjunto com as mais importantes organizações populares do campo e da cidade (ONGs e entidades que se propunham a discutir os problemas da sociedade moderna). Tendo o III Congresso Nacional do MST, em 1995, como um referencial, adotando-se o lema "reforma agrária: uma luta de todos".

No III Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre em 2003, observa-se uma ampliação ainda maior da proposta de luta. Em parceria com a Via Campesina (este um movimento camponês autônomo internacional), lançam uma campanha internacional, intitulada: "Sementes: Patrimônio da Humanidade", com o objetivo de estimular agricultores familiares a produzirem suas próprias sementes<sup>1</sup>, além de também denunciar as empresas multinacionais produtoras de sementes, e pressionar para que a FAO e a UNESCO declarem as sementes como Patrimônio Cultural de toda a Humanidade.

Outras parcerias importantes que o MST realiza, é a partir das Jornadas de Agroecologia, um espaço de expressão de vários movimentos sociais da agricultura familiar e camponesa, organizações da sociedade civil, técnicos e acadêmicos, que discutem a importância da agroecologia.

<sup>1</sup> Tendo o caso da Rede BIONATUR - Sementes Agroecológicas. Formada inicialmente a partir de cooperativas de assentados do Rio Grande do Sul produtores de sementes de hortaliças agroecológicas, já se encontrando atualmente em um movimento de rede, dando passos para uma maior amplitude no país (Região Sul, Sudeste, Centro-Oeste). De forma, que não se limita apenas à produção de sementes, divulgando também outras práticas agroecológicas consideradas autônomas. (CORREA, CORTEZ, & MOREIRA).

Essa ênfase no debate, também é dada em um aspecto mais formal na educação. Onde o Movimento investe no ensino de escolas agrícolas, com o objetivo de capacitar esses técnicos agrícolas em agroecologia, como também parcerias com instituições de ensino superior com esse mesmo tipo de proposta.

Sendo necessário destacar que mesmo na atualidade, a distância entre ideologia e realidade dos assentamentos ainda é muito grande, com grande parte dos assentamentos baseados nos padrões da agricultura moderna. É importante que a construção da agroecologia de forma material necessária do tempo presente, é o "ver para crer".

É interessante também, que o discurso do Movimento sobre cooperativas está diferente, há um estímulo para cooperativas auto-gestionáveis, que atuem através de práticas agroecológicas, o oposto da visão inicial sobre o assunto.

### 3. MST e Agroecologia: Discussão e Debate

Percebe-se então, que a relação entre MST e agroecologia é refletida na questão de contestar modelo excludente de desenvolvimento agrícola da "Revolução Verde". Apesar do Movimento ter clareza política, de que no atual estágio de desenvolvimento capitalista, e com a globalização neoliberal, não existem condições objetivas que permitam a constituição e a consolidação de uma reforma agroecologia, junto a sua base social e territórios conquistados. Pois, é necessária a ocorrência de mudanças estruturais na sociedade como um todo, com a socialização dos meios de produção e geração de riquezas, garantindo controle social sobre as políticas de desenvolvimento, e acabando com as injustiças

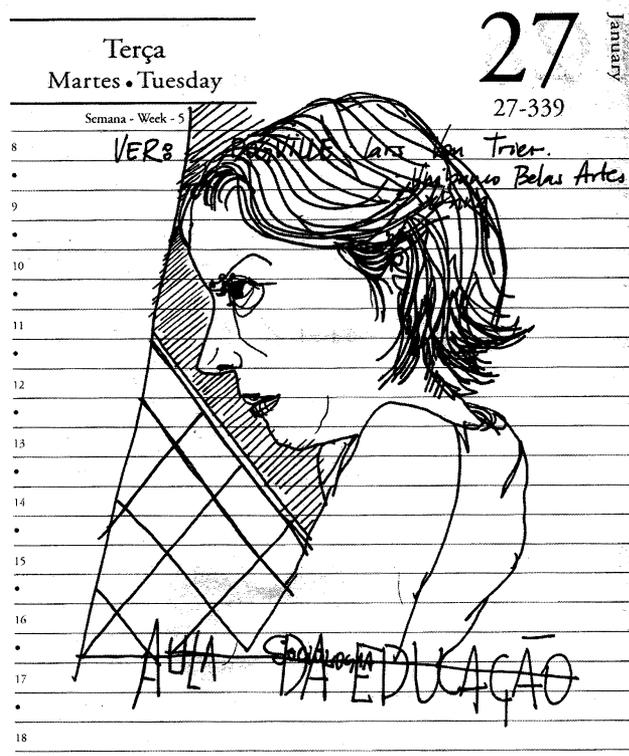
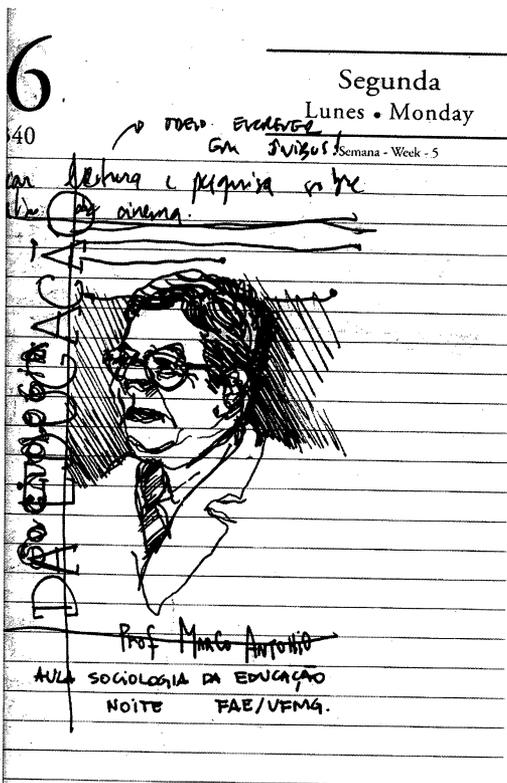
e desigualdades políticas, econômicas e sociais no País. (VERAS, 2005).

Com esse questionamento sobre padrão de desenvolvimento, dá para se puxar um gancho bastante pertinente com o posicionamento de Lins (1991), quando este questiona o conceito de desenvolvimento sustentável, por possuir um caráter paradoxal, e negligente, pois não questiona o por quê do desenvolvimento, isto é, a inexistência do desenvolvimento na cultura ocidental, é algo impensável, e como algo sempre positivo e linear, sem problematizar o fato da lógica do crescimento ser excludente.

De forma que isso pode ser levantado também na questão da agroecologia, ou seja, será que ela está preocupada com o uso dos recursos naturais de maneira racional e lucrativa ao mesmo tempo? E o MST será que o Movimento abraça uma idéia de desenvolvimento paradoxal?

Sobre o questionamento da agroecologia se torna algo bastante complexo, porque não existe um manual único que represente os princípios fundamentais agroecológicos, existem inúmeras vertentes de práticas, técnicas e filosofias, que tentam integrar a agricultura com a natureza. E essas vertentes são usadas por diversos agricultores que nem sempre representam alguma causa ambiental e/ou social e/ou ideológica.

Quanto ao MST, este apesar de estar inserido em uma economia de mercado, que exige das empresas o crescimento para a sobrevivência à lógica do mercado, questiona essa inserção, e propõe alternativas. Inicialmente em seu discurso, como foi apresentado no item 2.2, a idéia de "fazer crescer o bolo para depois dividir", mas o que parece agora, é que há "uma nova na receita desse bolo", de repente a idéia é a de ninguém comer bolo, cada um faz



um pão em casa e todo mundo compartilha e come<sup>2</sup>.

Posicionamento que se assemelha a uma visão marxista mais moderna, como por exemplo, a defendida por Mészáros em sua Introdução, de "Para além do Capital: rumo a uma teoria da transição". Esse autor afirma que não existe meio ambiente (natureza, recursos, bem-estar) para o padrão de desenvolvimento capitalista atual, e aponta a importância da auto-gestão de pequenas iniciativas como uma alternativa. Uma interpretação bastante semelhante com que está se expondo aqui sobre a atual discussão agroecologia e MST.

Finalizando com o último ponto dessa discussão, colocaria a analogia entre marxismo e ambientalismo, afirmada por Lins (1991), como os dois conceitos serem englobadores de identidades. E questionaria quem englobou quem? A agroecologia o MST? Ou o contrário?

Se eu colocasse a agroecologia como um conceito amplo (que ele é), não o colocaria ele como o englobador, pois a agroecologia nem sempre tem a proposta de dar autonomia para pequenos agricultores, existem muitas práticas agroecológicas que substituem o pacote da Revolução Verde, pelo pacote agroecológico.

Mas, no conceito de agroecologia apresentado colocaria como uma englobação mútua, pois como foi trabalhada, a agroecologia propõe uma crítica a agroindústria em grande escala, casando com a luta básica do MST contra o latifúndio.

E apontaria outro ponto importante do MST, o fato dele ser um englobador de minorias, pois como foi apresentado no item 1.2, existem diversas discussões no Movimento que não são apenas relativas a problemas de posse da terra, mas também questões como, por exemplo, de gênero e racial, estas extremamente excluídas tanto no debate no campo como, na cidade.

Submetido em 20/03/2007  
Aprovado em 27/04/2007

<sup>2</sup> Essa metáfora culinária pode ter parecido confusa mas faz uma comparação à proposta de cooperativas auto-gestionárias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDART, Roseli Salete. (2001), "O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo", *Estud. av.*, vol. 15, no. 43, pp. 207-224.
- CANAVESE, Flaviane & NETO, Canrobert Costa. (s/d), "Sustentabilidade em assentamentos rurais: o MST rumo à 'reforma agrária agroecológica' no Brasil?", *Ecología Política*. Grupos de Trabajo de CLACSO.
- CORREA, Eduardo Ciro, CORTEZ, Cácia & MOREIRA, Vladimir Ricardo. (s/d), (Orgs.), *Sementes Patrimônio dos Povos a serviço da humanidade*, [S.l.], Rede Bionatur de Sementes Agroecológicas.
- DALMAGRO, Sandra Luciana. (2003) *O sentido pedagógico do MST: a formação de sujeitos históricos*. <<http://tlc.oise.utoronto.ca/conference2003/Proceedings/Dalmagro%20Portuguese.pdf>>. Acessado entre 28/11 e 05/12 de 2006.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. (2004), *Teoria dos movimentos Sociais*. 4a edição, São Paulo, Edições Loyola.
- MÉSZÁROS, István. (2002) *Para Além do Capital: Rumo a uma teoria de transição*. São Paulo, Boitempo e UNICAMP.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. (1992), "Ambientalismo e desenvolvimento sustentado: Nova ideologia/utopia do desenvolvimento", *Revista de Antropologia*, 34: 59-101.
- VERAS, Melissa Michelotti. (2005), *Agroecologia em assentamentos do MST no Rio Grande do Sul: entre as virtudes do discurso e os desafios da prática*. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, datilo.

César Machado Vieira é graduando de Ciências Sociais com habilitação em Antropologia, pela Universidade de Brasília/ UnB.

cesar.machado@yahoo.com.br